

Segmento: PUCRS

14/01/2019 | Correio do Povo | Eduardo Conill | 4

## Formatura

Denise e o engenheiro Aquiles Dal Molin Jr. estão comemorando na maior vaidade e felicidade. O filhão Gustavo Dal Molin será o centro de todos os abraços e felicitações no próximo sábado. Estará festejando a formatura em duas universidades, duas faculdades de Engenharia, uma na PUC/RS em Engenharia de Controle e Automação e a outra na Ufrgs em Engenharia Elétrica. Logo após as cerimônias na PUC, recebe os amigos para jantar no Salão Imperatriz, no Leopoldina Juvenil. A irmã Heloisa Dal Molin e o cunhado Artur Hubner, bonito casal, auxiliam na acolhida aos convidados. Ah, sem esquecer que o formando também é chef de cozinha no mais alto grau.

14/01/2019 | Correio do Povo | Geral | 13

## Dmae conclui conserto

O Dmae concluiu na tarde de ontem o conserto do vazamento na adutora da Estação de Bombeamento de Água Tratada (Ebat) na avenida Cristiano Fischer, no bairro Partenon. Com isso, o abastecimento deve ser normalizado até a manhã de hoje.

O problema desabasteceu de água potável os bairros Agronomia, Aparício Borges, Bom Jesus, Cascata, Ceitec, Cefer, Jardim Carvalho, Jardim Sabará, Vila João Pessoa e Vila São José, além de parte da Lomba do Pinheiro e parcialmente o Partenon. Na manhã de ontem, o trânsito no local estava liberado apenas para moradores de um condomínio residencial e ao estacionamento da PUCRS.

A água ainda vazava mas numa proporção bem menor. Uma imensa cratera inundada, onde a tubulação entrou em colapso, chamava a atenção. O local do rompimento da adutora é o mesmo onde havia sido realizado um serviço na quinta-feira passada. O Dmae identificou falha de resistência em uma das peças utilizadas para conectar as adutoras. O rompimento provocou alagamento e bloqueio total no cruzamento das avenidas Cristiano Fischer e Ipiranga.

O avanço da água, como se fosse um rio, deixou a via, no sentido centrobairro, completamente intransitável no fim da tarde de sábado no trecho. Houve congestionamento na região.

14/01/2019 | Jornal do Comércio | Capa | 1

## Para Ana Amélia, o Banrisul tem valor imaterial como Grêmio e Inter

Páginas 18 e 19

14/01/2019 | Jornal do Comércio | Capa | 1

## Para Valente, parceria com governo é estratégica para startups

Página 9

## O desafio do Brasil de levar suas startups do zero ao IPO

Empreendedores terão até o dia 27 de janeiro para se inscrever e fazer parte do primeiro ciclo do Programa Bndes Garagem, iniciativa que conta com a operacionalização da Wayra, hub de inovação aberta da Vivo no Brasil e Telefônica no mundo, e a Liga Ventures, primeira aceleradora focada em conectar startups e grandes corporações do Brasil. Amanhã, representantes do projeto estarão no Tecnopuc, em Porto Alegre, para um roadshow que trará informações estratégicas sobre o programa. A iniciativa é uma parceria do poder público com players que são conhecedores da dinâmica dos ambientes de inovação para ajudar a colocar o Brasil em um outro patamar na formação de startups. “Vamos operacionalizar o programa, junto com a Liga Ventures, organizar a metodologia, selecionar as empresas e ajudar para que tudo ande rápido. A Wayra já investiu em 800 empresas no mundo e queremos colaborar”, destaca o country manager da Wayra no Brasil, Renato Valente. O Garagem Criação terá duração de quatro meses e tem como objetivo transformar boas ideias em empresas; já o Garagem Aceleração terá duração de seis meses com foco na atração de startups que possuam um produto desenvolvido e ofertado no mercado e que faturem até R\$ 16 milhões por ano. As inscrições devem ser feitas por meio do link: <https://bndesgaragem.com.br/>.

Jornal do Comércio – Qual a importância de o poder público fomentar iniciativas para o surgimento de startups de forma conectada com parceiros privados especializados nesta área?

Renato Valente – Vejo com bons olhos essa parceria. A Wayra tem experiências legais com outros governos na Europa. Em Londres, estamos junto em um projeto de cibersegurança com o governo britânico; em Madri, realizamos programas com a empresa público espanhola deste segmento. Agora, o Bndes nos propôs parceria nesse projeto e estamos muito interessados em ajudar. Todos temos que trabalhar juntos. O desafio do Brasil é encontrar essa dose entre ter um estado que ajude e não atrapalhe, que saiba o timing de sair de uma iniciativa que está criando para fomentar o setor e a hora de deixar mercado ir em frente. Um grande exemplo de país em que o poder público entrou forte, fomentou o setor, todos participaram e depois o governo foi saindo de cena é Israel (o país hoje com o maior número de startups per capita do mundo).

JC – Onde está o gap que impede as nossas startups de serem escaláveis?

Valente – Falta conseguirmos escalar as nossas empresas e, mais do que isso, falta conhecimento de como fazer isso acontecer. Quantos empreendedores levaram as suas operações do zero ao IPO no Brasil? No Vale do Silício, nos Estados Unidos, isso é tão profissionalizado que existem profissionais especializados por nichos, como por fazer a empresa ir do 0 aos US\$ 20 milhões, depois dos US\$ 20 milhões aos US\$ 100 milhões e por aí vai. Aqui, ainda falta essa bagagem. Mas, o momento é bom. Tecnicamente, temos muita gente boa aqui. Sem falar que tem muito capital de risco vindo para o Brasil, recursos chineses, americanos. O volume de rodadas de investimentos na América Latina vai explodir, o que deve fazer crescer quase 100% o volume de capital de risco.

JC – Faltam empreendedores que vivenciaram cases de sucesso em suas empresas ou executivos especializados em conduzir as startups a atingir novos patamares?

Valente – Ambos. Temos muitos casos de empreendedores de sucesso e empresas que atingiram patamares importantes, como a 99, a Nubank, a Trocafone e a MaxMilhas. Mas, para o tamanho do Brasil, ainda é pouco, precisamos fazer essas pessoas girarem. E também temos que formar profissionais capazes de gerenciar negócios em escala, ter contatos, fazer relações e ajudar as empresas a crescerem.

JC – Qual a melhor fórmula para o Brasil? Formar grandes volumes de startups para dali tirar algumas de sucesso ou focar em um número menor, porém com mais atenção para o crescimento de cada operação?

Valente – Temos que ter volume, ações que gerem escala. As aceleradoras mais famosas do mundo investem em mais de 1 mil jovens empresas para dali surgir um Dropbox ou Airbnb. E também é fundamental buscar perfis diferentes, desde PhDs de 50, 60 anos até jovens cheio de energia. Essa mistura é muito rica. Quanto mais pessoas se envolverem, mais chances de coisas boas

acontecerem termos.

JC – Quais segmentos de mercado você apostaria para 2019?

Valente – As fintechs ainda estão muito voga no Brasil. O mercado financeiro é concentrado, temos cerca de quatro grandes bancos, então existem grandes oportunidades para serem exploradas. E tem a área da saúde, que apesar de ainda ser muito regulada no Brasil, promete muita novidade. Aliás, o que estamos vendo acontecer hoje com as fintechs, com esse grande crescimento, deve se repetir com as startups de saúde. E outro segmento sempre importante para nós é o de agronegócios.

JC – As grandes empresas já estão maduras para a necessidade de investir na sua transformação?

Valente – A esmagadora maioria das grandes empresas já percebeu que tem que fazer algo. Isso já não é mais apenas uma iniciativa do “guerreiro da inovação”, tentando vender essa ideia dentro da corporação. Já está na agenda dos CEOs. O desafio é como fazer, isso ainda está um pouco nebuloso para muitas companhias. Mas, as grandes estão entrando de cabeça, começando a estruturar áreas específicas e entender o que faz mais sentido para a operação. É um caminho sem volta.

14/01/2019 | Jornal do Comércio | Entrevista Especial | 18

## Banrisul possui um valor imaterial, diz Ana Amélia

Diante do interesse do governo federal na privatização do Banrisul, como garantia para o ingresso no Regime de Recuperação Fiscal (RRF), a senadora Ana Amélia Lemos (PP) lembra que o banco gaúcho só poderia ser privatizado depois de um plebiscito. Além disso, a senadora aponta que, “para a sociedade gaúcha, o Banrisul tem um valor imaterial”.

E projeta: “Essa é uma questão que o governador, sem dúvida, pela sua sensibilidade, vai administrar. Uma decisão dessas (privatizar o banco) tem que passar necessariamente por um plebiscito”.

Principal responsável pela aliança entre o PP e o PSDB na eleição estadual, Ana Amélia ficará à frente da Secretaria de Relações Federativas e Internacionais no governo Eduardo Leite (PSDB). Entretanto, ainda não assumiu o cargo porque está concluindo seu mandato de senadora.

Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, a senadora avalia que a capacidade de diálogo de Eduardo Leite o difere dos governadores que o antecederam no cargo. Citou como exemplo as visitas que o tucano fez, ainda durante a transição, a todas as bancadas da Assembleia Legislativa. O esforço garantiu 40 votos – inclusive da oposição – para aprovar a prorrogação das alíquotas majoradas do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e serviços (ICMS). Quanto ao futuro político, em 2022, Ana Amélia pretende concorrer a senadora e acredita na manutenção da aliança entre PP e PSDB.

Jornal do Comércio – Um assunto que deve passar por sua pasta, de Relações Federativas e Internacionais, é o ingresso no Regime de Recuperação Fiscal (RRF). O ministro da Fazenda, Paulo Guedes, tem um perfil mais privatista do que a última gestão da pasta. Isso pode aumentar a pressão pela privatização do Banrisul, como contrapartida ao ingresso no RRF?

Ana Amélia Lemos – O Rio Grande do Sul é um dos poucos estados que ainda tem um banco oficial. Todos os outros estados já venderam. Restam o Banrisul, o BRB, de Brasília, e talvez mais três ou quatro bancos estaduais. Mas tem que levar em conta que, para a sociedade gaúcha, o Banrisul tem um valor imaterial. Ele tem um significado, assim como o Inter e o Grêmio, o churrasco e o chimarrão, a bandeira e o hino do Rio Grande. Existe um valor intangível no Banrisul. Essa é uma questão que o governador, sem dúvida, pela sua sensibilidade, vai administrar. E uma decisão dessas (privatizar o banco) tem que passar necessariamente por um plebiscito. É uma questão delicada, não só econômica, mas também institucional. É uma questão de defesa daquilo que, para os gaúchos, tem um valor intangível.

JC – Concordaria com a privatização do banco?

Ana Amélia – Conhecendo o espírito dos gaúchos, entendo que essa decisão só pode ser tomada em um plebiscito muito bem avaliado e discutido.

JC – É possível entrar no RRF sem privatizar o Banrisul?

Ana Amélia – Aí é outra história. Vai depender das negociações. O governador solicitou que eu marcasse uma audiência com o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Marco Aurélio de Mello, que cuida do caso do pagamento das parcelas da dívida que o Estado deve à União. Nesse encontro, do qual participei, o ministro Marco Aurélio insistiu muito na necessidade de um diálogo contínuo e de alto nível entre os estados e a União. O que ele quis dizer foi que, talvez, a solução passe muito mais pelo campo político do que pelo campo econômico ou jurídico.

JC – O senador eleito Luis Carlos Heinze (PP) tem defendido uma alternativa ao RRF: um movimento nacional, com outros entes federados, para cobrar os ressarcimentos que a União deve a estados e municípios por conta da Lei Kandir. É viável?

Ana Amélia – Quando fui candidata ao governo do Estado em 2014, quando disputei a eleição que o governador Sartori venceu, propus um acerto contábil entre os nossos créditos com a Lei Kandir e o nosso débito com o acordo da dívida. No início do meu mandato de senadora, isso foi feito. A Fazenda atualizou um pouco os valores dos créditos da Lei Kandir. Mas isso não resolveu. Houve uma comissão especial, liderada pelo senador Wellington Fagundes (PR-MT), que tratou dessa matéria. Os presidentes da Câmara do Deputados e do Senado fizeram reuniões para tratar desse tema em vários movimentos, dos quais participaram governadores e prefeitos de várias capitais. Mas os avanços não foram significativos. O que aconteceu foi que foi dada visibilidade às dificuldades que os estados e municípios estão passando. Agora é um novo governo federal, com um novo conceito administrativo, uma nova política, uma nova visão de Estado. Por isso, acho que agora começa tudo da estaca zero.

JC – Não dá para esperar os recursos da Lei Kandir como alternativa ao RRF...

Ana Amélia – Claro que o ideal seria resolver o passado, mas, como diz o Delfim Neto, “até o passado do Brasil é imprevisível”. Acho que o esforço do senador Heinze é adequado, tem que fazer pressão mesmo, para buscar solução para um problema que não é só do Rio Grande do Sul, mas também de outros estados.

JC – O que espera do governo Eduardo Leite?

Ana Amélia – O Eduardo Leite é um político estudioso, atento à inovação, com uma forma moderna de administrar, como aconteceu quando foi prefeito de Pelotas. Agora, acredito que o Rio Grande do Sul vai ter a oportunidade de fazer algumas mudanças estruturais na gestão pública, justamente por conta das características do governador. Antes mesmo de assumir, ele já revelou uma habilidade política extraordinária. Quando se imaginaria que o governador eleito teria a sensibilidade e a humildade de ir buscar diálogo com a oposição?

JC – A senhora se refere às reuniões que Eduardo Leite fez com todas as bancadas da Assembleia Legislativa, para garantir a aprovação da continuidade do aumento do ICMS, até 2020...

Ana Amélia – Sim. Ninguém gosta de aumentar impostos, mas, na situação em que o Estado está, não havia outra alternativa. Claro que, com as reformas, é possível conciliar esses problemas a médio e longo prazo. Mas a sensibilidade do governador eleito de ter ido buscar apoio do PT para conseguir 40 votos na Assembleia, para mim, foi uma demonstração da sua capacidade de interlocução com o Poder Legislativo. Eduardo Leite mostrou um respeitoso relacionamento com a oposição e, em especial, com o PT. Então, louvo a iniciativa dele e também louvo a atitude responsável da oposição que, ao entender que era preciso fazer esse esforço,

condicionou o voto favorável a algumas medidas importantes. A oposição teve um comportamento absolutamente impecável, do ponto de vista da responsabilidade pública, porque não abriu mão das suas convicções, ao colocar seus 11 votos a favor da prorrogação das alíquotas de ICMS.

JC – O diálogo é um diferencial de Eduardo Leite em relação a outros governadores?

Ana Amélia – Não há dúvida. Até porque, pelo que eu conheço da história recente, ele foi o único governador a ir pessoalmente em busca de apoio com todas as bancadas, inclusive a oposição. Com isso, deu uma distinção à oposição, mostrou que estava ali dando muita relevância ao papel que ela tem. Esse é um grande momento da política do nosso Estado (em que o governador tenta superar a polarização estadual). Aliás, o governador José Ivo Sartori (MDB), no discurso depois da eleição, quando reconheceu a vitória do seu adversário, fez um discurso que também demonstra que a política gaúcha está vivendo novos tempos. Ao reconhecer a vitória do seu adversário, Sartori o elogiou e lhe desejou sucesso. Mais do que isso, colocou-se à disposição para ajudar naquilo que estivesse habilitado.

JC – Qual deve ser a prioridade de Eduardo Leite, na sua opinião?

Ana Amélia – Terão que ser adotadas medidas de maior eficiência arrecadatória, maior eficiência no sistema de licenciamento ambiental, maior eficiência na gestão pública. Muitos dos problemas do Rio Grande do Sul estão vinculados a uma ineficiência na prestação dos serviços públicos, talvez, por causa das estruturas que foram mantidas ao longo do tempo sem modernização, sem tecnologia, sem equipamentos, sem sistemas de comunicação a serviço do cidadão. Claro que tudo isso se justifica pelo empobrecimento do Estado, do ponto de vista fiscal e financeiro. Mas é importante dizer que a economia do Estado vai bem. O que está mal é o Estado, por má gestão. E os municípios também não vão bem, porque, ao longo do tempo, o governo federal criou programas que as prefeituras tinham que desenvolver, mas não entregaram a eles a correspondente receita para fazerem frente a essas competências. Mas, como disse, a economia gaúcha é pujante: no Interior, há gente produzindo azeite de oliva de alta qualidade; passamos de importadores a exportadores de vinhos e espumantes. A agropecuária vai muito bem, basta ver o movimento na Expointer e Expodireto. No final do ano, fica difícil andar por Gramado e Canela, de tantas pessoas que vão para lá... Tudo isso significa dinheiro circulando, sendo aplicado em hotéis, pousadas, restaurantes, comércio etc.

JC – O PP e o PSDB têm uma parceria eleitoral vencedora aqui no Estado. Ganhou a prefeitura de Porto Alegre em 2016, com a eleição do prefeito Nelson Marchezan Júnior (PSDB). E agora, o governo do Estado. Isso firma os dois partidos como a principal força política do Rio Grande do Sul?

Ana Amélia – Sempre defendi intensamente essa aliança com o PSDB, justamente por entender que era a forma que tínhamos para manter a bancada de sete deputados estaduais na Assembleia Legislativa – como mantivemos, de fato – e a bancada no Congresso Nacional. Outros partidos tiveram uma perda expressiva nas suas bancadas, por conta de deputados que não se reelegeram. O nosso partido conseguiu manter uma posição privilegiada, quando muitos outros partidos importantes sucumbiram. Também apoiei por entender que a candidatura do Eduardo Leite era viável e adequada ao momento que o Rio Grande do Sul está vivendo. Estamos precisando de uma ideia nova, de sangue novo, de uma posição diferente, mais arrojada e criativa.

JC – Está satisfeita com a participação do PP na gestão de Leite?

Ana Amélia – Hoje, o meu partido tem uma posição privilegiada no governo do Estado: temos três secretários (Otomar Vivian na Casa Civil; Covatti Filho na Agricultura; e a própria Ana Amélia nas Relações Federativas e Internacionais). Também temos o líder do governo no Legislativo (deputado estadual Frederico Antunes). E ocupamos o cargo de chefe da Casa Civil, que é um cargo estratégico. Então, fico muito feliz que aquilo que eu vislumbrava politicamente aconteceu.

JC – A senhora aceitaria o convite para continuar a aliança entre PP e PSDB em 2022?

Ana Amélia – A lealdade e fidelidade que temos caminha para isso. Ainda mais com o prestígio que Eduardo Leite, como governador, está dando ao nosso partido. Claro que 2022 já começou. O relógio já está andando. Aliás, outra coisa inteligente que o governador fez foi dizer que não é candidato à reeleição. Então, ele fará um esforço redobrado nos próximos quatro anos, porque só terá esse período para dizer a que veio, para fazer as entregas que propôs durante a campanha.

JC – A senhora aceitaria concorrer ao governo do Estado em 2022?

Ana Amélia – Em 2022, dependendo das circunstâncias, disputarei o Senado Federal.

JC – Bolsonaro anunciou que pretende mudar a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, o que desagradou os países árabes, que ameaçam não comprar mais proteína animal do Brasil. O prejuízo estimado seria de mais de R\$ 7 bilhões. Como vê alguns episódios da política externa que podem prejudicar as exportações de produtos agrícolas brasileiros?

Ana Amélia – É preciso ter cautela na área da política externa. Quando você privilegia um determinado bloco econômico, acaba criando desconfiança de outros. Isso pode significar restrições ao comércio brasileiro. Certamente, o chanceler Ernesto Araújo deverá ser alertado – já está sendo alertado, aliás – pela área mais sensível da nossa economia, a agropecuária. Esse setor já tem dito que somos grandes exportadores de carne bovina e frango para países árabes.

## Perfil

Ana Amélia Lemos nasceu em 1945, em Lagoa Vermelha. Mudou-se para a Capital nos anos 1960, quando ingressou na Faculdade de Comunicação Social da Pucrs. Formou-se em 1970, quando começou a atuar no jornalismo. Foi repórter, produtora e apresentadora de TV em diversos veículos, no Rio Grande do Sul e em Brasília. Em 2009, ingressou na política partidária, filiando-se ao PP para disputar uma vaga para o Senado. Em 2010, foi eleita senadora.

No primeiro mandato, aprovou cinco projetos de sua autoria. Entre eles, o que obriga os planos de saúde a pagarem a quimioterapia oral a pacientes com câncer. Em 2014, concorreu ao governo gaúcho, tendo ficando em terceiro lugar. Em 2018, abriu mão de disputar a reeleição para ser vice do candidato à presidência da República, Geraldo Alckmin (PSDB). Com a derrota, foi indicada pelo governador Eduardo Leite (PSDB) para a Secretaria de Relações Federativas e Internacionais – cargo que deve assumir após concluir seu mandato como senadora.

14/01/2019 | **Jornal do Comércio** | **Diversas** | 24

## Startups

STARTUPS – Empreendedores interessados em participar do Bndes Garagem, programa de startups do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes) podem participar do roadshow que será realizado amanhã, às 18h30min, no Parque Científico e Tecnológico da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Tecnopuc). Inscrição gratuita. Site: [www.sympla.com.br/roadshow-bndes-garagem\\_\\_418728](http://www.sympla.com.br/roadshow-bndes-garagem__418728).

14/01/2019 | **Jornal NH** | **Comunidade** | 4

## Agenda de hoje

21 horas - Venha conhecer o Céu de Verão no Observatório Astronômico da PUC-RS, na Avenida (Piranga, 6.681, no prédio 8, sexto andar.

## Celebração marca 50 anos de sacerdócio

*Dom Gentil Delazeri comemorou a data com missa na comunidade da Linha Três Reis, Coqueiro Baixo*

Mais de 700 pessoas marcaram presença na celebração dos 50 anos de sacerdócio de Dom Gentil Delazeri, em missa na comunidade da Linha Três Reis, Coqueiro Baixo - que pertence à paróquia de Relvado, no dia 6 de janeiro. Conforme o presidente da comunidade, Leandro Delazeri, as comemorações também tiveram carreata, almoço especial e homenagens. A data ainda marcou a festa do padroeiro da comunidade de Três Reis, e contou com a presença cinco padres; do bispo de Montenegro, Dom Paulo de Conto; do prefeito de Coqueiro Baixo, Jocimar Valer; do prefeito de Relvado, Odi Lorenzini; amigos e comunidade em geral.

Dom Gentil

Gentil Delazeri nasceu em 9 de setembro de 1940, na comunidade de Três Reis. É o oitavo irmão de uma família de nove filhos dos agricultores João Antônio Delazeri e Maria Berti (ambos falecidos). Desde criança sonhava em ser padre. Aos 14 anos de idade ingressou no Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Arroio do Meio. Em 1956, seguiu para o Seminário São José, em Gravataí. E concluiu seus estudos de Filosofia e Teologia no Seminário Maior em Viamão. No dia 13 de julho foi ordenado sacerdote na Paróquia Santo Antônio, em Relvado. Foi professor, reitor e especializou-se em Antropologia Filosófica, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Em 1992, assumiu como Vigário Geral e Procurador da Mitra Diocesana de Santa Cruz do Sul. E, desde 1994, é bispo coadjutor de Sinop, no Mato Grosso.

14/01/2019 | Zero Hora | Marta Sfredo | 13

## Próximos Dias

QUINTA Gabriela Ferreira, líder de Impacto Social do Tecnopuc e diretora técnica da Anprotec

SEXTA Vinicius Ochoa Piazzeta, presidente da Pactum consultoria Empresarial

Segmento: Outras Universidades

---

14/01/2019 | Correio do Povo | Arte & Agenda | 1

## Festival Sesc de Música entre concertos e ensino

Sessenta espetáculos gratuitos, 52 professores brasileiros e estrangeiros e 400 jovens alunos provenientes de vários Estados movimentarão a cidade de Pelotas, com a realização da 9ª edição do Festival Internacional Sesc de Música, de hoje até dia 25. O concerto de abertura será precedido por um Cortejo Musical, com saída do Mercado Público, às 18h. No Theatro Guarany, às 20h30min, a atração é o grupo Sphaera Mundi Orquestra (RS), com a participação da argentina Lucia Luque (violino). Será realizada transmissão ao vivo pelo [www.sesc-rs.com.br/festival](http://www.sesc-rs.com.br/festival).

Segundo Silvio Bento, gerente de Cultura do Sesc/RS, a transmissão online está alinhada com a proposta de levar o festival à comunidade, com apresentações também sendo promovidas em hospitais, asilos, praia e zona rural. “O objetivo é envolver a todos em uma consciência de pertencimento, de inclusão e oferecer a possibilidade do conhecer”, diz. O festival abarca todas as modalidades dos instrumentos de orquestra passando pelo erudito e popular, tanto nos cursos como no repertório. Entre atrações estão Yangos; Orquestra Unisinos Anchieta; Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, Quinta Essentia Quarteto (SP); Liuba Klevtsova (Rússia); Eiko Senda (Japão), Max Uriarte e André Carrara (Brasil), Carlos Buono (Argentina) e Alberto Bocini (Itália).

14/01/2019 | Jornal do Comércio | Geral | 22

## Ulbra demite 150 professores e atribui medida a ‘ajuste no quadro’

Cerca de 150 professores foram demitidos pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) na semana passada, segundo estimativa do Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul (Sinpro-RS). Embora a Ulbra não confirme o número, o sindicato baseia a estimativa nas informações repassadas pelos professores desde a última quarta-feira. A instituição atribui a medida a um ajuste em seu quadro docente.

Conforme o diretor do Sinpro-RS, Marcos Fuhr, as demissões nas instituições privadas de Ensino Superior no Rio Grande do Sul têm ocorrido com frequência nos últimos semestres. No caso da Ulbra, são potencializadas pela crise da própria instituição, que já ocorre há pelo menos dez anos, de acordo com o diretor. “É uma instituição que paga sistematicamente os salários com atraso, há quatro ou cinco anos”, aponta. Na semana passada, funcionários do setor administrativo já tinham sido demitidos.

A direção do Sinpro-RS terá hoje uma reunião com a Associação Educacional Luterana do Brasil (Aelbra), mantenedora da Ulbra, para esclarecer questões ligadas às demissões, como a garantia do pagamento das quantias rescisórias e do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Além dos atrasos salariais, a instituição não está recolhendo regularmente o FGTS de seus empregados, segundo o sindicato.

Procurada pela reportagem, a Aelbra, informou, por meio de nota, que “realizou um ajuste em seu quadro de professores, com o objetivo de reduzir os impactos causados pela crise que atinge o setor nos últimos anos”. Assegurou, ainda, que a rotina acadêmica permanecerá inalterada e as aulas serão ministradas normalmente.

14/01/2019 | Jornal NH | Comunidade | 4

## Feevale pesquisa maneiras de aumentar duração de orgânicos

A professora Vanusca Jahno, do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia de Materiais e Processos Industriais da Universidade Feevale, está investigando maneiras de aumentar a duração de produtos orgânicos, o que pode beneficiar agricultores, empresários e consumidores. Ela pesquisa a utilização em tomates orgânicos de recobrimentos feitos com amido de milho, goma xantana e própolis, o que aumenta o período de conservação do legume.

Com o tempo, os recobrimentos substituirão as embalagens, diminuindo os custos da preservação para o agricultor e o cliente final. Essa tecnologia é promissora no mercado mundial em razão das vantagens que apresenta, pois são utilizados materiais biodegradáveis, o que contribui para a redução da poluição e estender a vida útil de frutas e legumes. O produto já foi testado em diversas frutas (morangos, laranjas, maçãs, uvas e tomates). No caso dos tomates orgânicos, o recobrimento estende a duração média natural de duas para cinco semanas. Esse tempo suplementar permite que o agricultor ou a empresa gere mais renda, sem perda da mercadoria. Essa pesquisa é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia de Materiais e Processos Industriais, que está com inscrições abertas até 11 de fevereiro para o processo seletivo da primeira turma do doutorado.

14/01/2019 | Jornal NH | Comunidade | 6

## A guardiã da história do calçado brasileiro

*IDA HELENA THON - professora que coordena o Museu Nacional do Calçado*

Ida Helena Thon tem 71 anos e é a atual coordenadora do Museu Nacional do Calçado, que completou 20 anos de fundação em 2018. Ela iniciou a carreira em 1967, quando lecionou na Pindorama para o primário e para a 4 série. Nos anos 70, dava aula de Artes para alunos da Osvaldo Cruz. Ela também cursou Psicologia e Filosofia na Unisinos e fez pós-graduação em Ética, em Cuba. Também se especializou em Poéticas Visuais. Em 1995, entrou para a equipe da Universidade Feevale.

"Dei aula em todos os cursos que tinha. E, em 2000, entrei para o museu. Fazia 20 horas em sala de aula e 20 horas no museu. Em janeiro de 2016, fui desligada da Feevale, e, em setembro de 2018, fui chamada novamente para coordenar o museu. Fiz a exposição dos 20 anos de fundação e este ano farei a de 21 anos da inauguração do espaço físico, junto com celebração dos 50 anos da Feevale e da Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo (Aspem)", conta Ida, que é natural de Novo Hamburgo, casada, tem dois filhos e dois netos. O Museu Nacional do Calçado fica junto ao Câmpus I da Feevale, na Avenida Doutor Mauricio Cardoso, 510,

bairro Hamburgo Velho.

Qual foi primeiro contato com o setor calçadista? Ida Helena Thon - Meu pai tinha um curtume, então eu conheço, e conhecia na época, todas as pessoas ligadas ao setor coureiro-calçadista, os fabricantes, pessoal dos curtumes, foi algo que cresci dentro. Como sou de Novo Hamburgo, conheço o pessoal todo deste período. Pessoal que construiu Novo Hamburgo, as exportadoras. E me identifico muito com esta história. Em 2005, participei do livro Memória do Setor Loureiro-calçadista, que resgatou a história dos pioneiros empreendedores do Vale do Rio dos Sinos. Foram 23 entrevistas, de todas as áreas do segmento, como empresários, trabalhadores do setor, caixeiros viajantes, imprensa, também foi abordado o nascimento da Fenac.

Como avalia o ramo calçadista hoje na região? Ida - Vejo que aqui é o celeiro das ideias hoje. O pessoal é muito criativo. Vejo a região como o nicho criador dos sapatos, não mais o feitor. O que cria o modelos e eles então serão produzidos pela China, Índia, etc. Uma área com muita criatividade e inovação no calçado, que faz uso da tecnologia.

De que forma o Museu do Calçado contribuiu e segue contribuindo para o setor e para comunidade? Ida - Ele é fundamental. Se não tem passado, não tem futuro. O museu te dá uma possibilidade de criação e inovação quase que sem limite, a gente guarda a história de toda uma cidade. Guardamos a história de pessoas que foram pioneiras. Como o Ruy Chaves, o quanto ele foi criador, o quanto ele foi genial na busca de materiais novos, na confecção. Ele fazia um sapato de bico quadrado ficar chique, ele tinha estilo, tinha uma identidade. Também o Carrasco, que fazia 999 modelos por temporada. Ou o Gilberto Simon, que criava sapatos elegantíssimos que vestiam os pés das mulheres mais bonitas do Brasil. Nós guardamos esta história e mostramos para a comunidade. Temos hoje mais ou menos 25 mil peças. Como o espaço é pequeno, vamos trocando e mostrando em exposições temáticas.

E qual momento mais marcante na sua carreira até hoje? Ida - Tudo foi muito significativo para mim, mas o mais importante é a amizade que fiz com os alunos que continua até hoje. Ainda hoje muitos me ligam. Uns estão morando fora do Brasil e mesmo assim me ligam, contam como estão. Sempre amei lecionar, e esta amizade com os alunos é algo que ficou para a vida mesmo.

14/01/2019 | Jornal NH | Comunidade | 9

## Medicina da Feevale inscreve até 23 de janeiro

Estão abertas, até as 17 horas do dia 23 de janeiro, as inscrições para o curso de Medicina da Universidade Feevale. As aulas começam dia 21 de fevereiro, no Câmpus 2 (RS-239, 2.755, em Novo Hamburgo). As inscrições podem ser realizadas no site [www.feevale.br/medicina](http://www.feevale.br/medicina), onde também é possível acessar o edital completo. O ingresso se dará por meio de resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), nos anos de 2016, 2017 ou 2018. A Feevale adota o critério de inclusão regional, que tem por objetivo estimular o acesso dos estudantes que concluíram todo o ensino médio no entorno da Universidade. No total, serão oferecidas 60 vagas neste processo seletivo. O início das aulas está previsto para 21 de fevereiro.

Segmento: Interesse

---

14/01/2019 | Jornal do Comércio | Cursos & Concursos | 24

## Bolsas

BOLSAS – O Ministério da Educação divulgou o calendário de inscrições ao Programa Universidade Para Todos (Prouni). A inscrição para o processo seletivo se inicia no dia 29/1 e segue até as 23h59min do dia 1/2. A Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF), por meio da Universidade de Passo Fundo (UPF), oferece 479 bolsas para o primeiro semestre de 2019. As inscrições devem ser feitas no endereço [siteprouni.mec.gov.br](http://siteprouni.mec.gov.br).

14/01/2019 | O Estado de S. Paulo | Editorial | 3

## A tragédia do ensino médio

Recente estudo sobre a evolução do acesso ao sistema de ensino e sobre sua qualidade, promovido pelo movimento Todos pela Educação, uma entidade sem fins lucrativos integrada por pedagogos, gestores escolares e representantes da iniciativa privada, mostra como a crise educacional do País vem sacrificando o futuro das novas gerações. Em 2018, segundo a pesquisa, quase 4 em cada 10 jovens na faixa etária de 19 anos não concluíram o ensino médio na idade considerada para esse ciclo educacional.

E, do total de brasileiros nessa faixa etária, 62% já estão fora da escola e 55% pararam de estudar ainda no ensino fundamental. O estudo foi promovido com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Todos pela Educação definiu uma lista de cinco metas para o crescimento e modernização da educação brasileira até 2022 e, na pesquisa de 2018, constatou que o País continua longe de alcançá-las.

Uma das metas era fazer com que o Brasil tivesse, até o ano passado, mais de 90% dos jovens de 19 anos com o ensino médio completo. Em 2018, só 63,5% atingiram esse objetivo. E, como a qualidade desse ciclo educacional é ruim, entre os alunos que conseguem concluí-lo muitos apresentam conhecimento insuficiente em leitura, ciências e matemática, enfrentando problemas para ler palavras com mais de uma sílaba, identificar o assunto de um texto, reconhecer figuras geométricas e contar objetos. Na Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2017, o ensino médio alcançou o nível 2 de proficiência, numa escala de 0 a 9 – quanto mais baixo é o número, pior é a avaliação.

Com excesso de matérias, currículo desconectado da realidade socioeconômica e conteúdos ultrapassados, o ensino médio é considerado o mais problemático de todos os ciclos do sistema educacional. E é justamente por isso que ele se destaca por altas taxas de abandono e de reprovação. “Falta muito para avançarmos e há um desafio para a educação básica como um todo. Muitos jovens estão fora da escola ou não se formam por causa da qualidade do ensino. Se o aluno avança de etapa sem uma base sólida e chega ao ensino médio com déficit, ele é quase induzido a sair do sistema de ensino”, afirma o diretor de políticas educacionais do Todos pela Educação, Olavo Nogueira Filho. O desinteresse dos estudantes pode ser visto já na primeira das três séries do ensino médio, onde 23% dos alunos abandonam as salas de aula.

E é justamente por isso que a taxa de crescimento de concluintes das três séries não tem a velocidade necessária para atingir a meta prevista para 2022, lembram os técnicos do Todos pela Educação. Entre 2012 e 2018, o número de concluintes na faixa etária de 19 anos cresceu apenas 1,9% por ano, em média, quando seria necessário que aumentasse 7,2% anualmente, para que a meta pudesse ser atingida. “O crescimento é muito lento. Ainda estamos muito distantes para dizer que o País está a caminho da universalização do ensino básico”, diz o gerente de políticas educacionais da entidade, Gabriel Corrêa. Na realidade, os problemas estruturais do ensino médio são antigos e a saída é conhecida. Em vez de concessões a modismos pedagógicos e políticas demagógicas, é preciso reduzir o número de matérias, rever os currículos e tornar os gastos no setor mais produtivos, mediante programas de aprimoramento da formação de professores, por exemplo.

E tudo isso exige maior articulação entre o governo federal e as áreas educacionais dos Estados e municípios. Sem fortalecer o ensino de disciplinas essenciais e sem motivar os alunos do ensino médio a concluir esse ciclo educacional, o Brasil continuará incapaz de formar mão de obra tão produtiva quanto a de outras economias emergentes. Não conseguirá formar o capital humano de que necessita para voltar a crescer de modo sustentado. E perpetuará as condições do atraso, da desigualdade e da pobreza, impedindo que as novas gerações se emancipem intelectual, social e economicamente.

14/01/2019 | O Globo | Saúde | 17

## O risco da in experiência

Nesta primeira polêmica do governo Bolsonaro na educação—as estapafúrdias alterações nos critérios de escolha de livros didáticos que, entre outros absurdos, retiravam exigências de que as obras fossem isentas de erros e de citações bibliográficas —, menos mal que, uma vez tornadas públicas pela imprensa, o MEC tenha recuado e negado a autoria das mudanças.

Com apenas 14 dias, qualquer julgamento sobre a qualidade da gestão de um novo governo é prematuro. Mas alguns sinais na montagem da equipe do ministro Ricardo Vélez Rodríguez foram preocupantes. E o principal problema não está necessariamente na orientação ideológica dos novos indicados. Bolsonaro em nenhum momento de campanha — ou após eleito — suavizou seu discurso na educação, tendo sempre insistido na tese da doutrinação marxista como um de seus alvos principais. A escolha de Vélez

Rodríguez, portanto, foi coerente com esse pensamento.

O fato de o novo ministro não ser um especialista da área tampouco chega a ser novidade: muitos dos que o antecederam também não tinham essa experiência. Porém, uma vez no cargo, ao menos se cercaram de pessoas com um bom conhecimento do setor ou da burocracia ministerial. A questão que preocupa é que, para cargos no primeiro escalão da estrutura do MEC, foram escolhidos nomes com pouca ou nenhuma prática em gestão pública da educação.

As secretarias de Educação Profissional e

Tecnológica; de Regulação e Supervisão da Educação Superior; e de Modalidades Especiais da Educação, por exemplo, foram todas ocupadas por ex-alunos de Véliz Rodríguez em cursos de filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, com pouca ou nenhuma experiência na área de suas respectivas pastas.

Na recém-criada secretaria de Alfabetização, o escolhido foi Carlos de Paula Nadalim. Mestre em educação pela Universidade Estadual de Londrina e coordenador da escola Mundo do Balão Mágico, também em Londrina, com cerca de 140 alunos. O site do colégio diz que ele elaborou uma “metodologia inovadora”, “acumulando resultados surpreendentes” na área de alfabetização. Pode ser verdade, mas o sucesso numa pequena escola particular é pouco perto do imenso desafio de melhorar os indicadores de alfabetização de milhões de crianças.

O caso mais grave de inadequação, no entanto, parece ser a escolha de Murilo Resende Ferreira para um cargo extremamente técnico: a Diretoria de Avaliação da Educação Básica do Inep, órgão responsável pelo Enem e outros exames oficiais do MEC. Sem conhecimento

em avaliação educacional, a credencial que o levou ao cargo foi sua militância no Escola Sem Partido.

É claro que o aparelhamento do Estado por pessoas sem experiência na área não foi inventado no governo Bolsonaro. Uma das primeiras crises no governo Lula (apenas para citar a figura que os bolsonaristas elegeram como maior antagonista) foi a falta de remédios no Inca (Instituto Nacional do Câncer). O problema foi causado por uma diretora de fora do instituto, que estava lá apenas por indicação de um vereador carioca.

O fato de algumas das atuais nomeações no MEC não serem de partidos políticos não diminuiu a capacidade de estrago que o desconhecimento pode causar num setor tão importante para o futuro do país. Em pastas como a da Economia, Justiça, Agricultura ou Infraestrutura, pode-se discordar da agenda de seus titulares, mas, em geral, não houve relato até agora de cargos tão importantes dentro do ministério ocupados por pessoas sem experiência em suas áreas. Infelizmente, não foi o caso da educação.